

MOARA

Revista de Estudos em Letras da UFPA

O LEITOR E O TEXTO LITERÁRIO, DE DIETRICH RALL:

Tradução e notas em português

Tatiana Maria Holanda Landim
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Temos aqui uma comunicação feita em 1986 por ocasião do Colóquio “A leitura e os leitores”, da Associação Mexicana de Linguística Aplicada: « O Leitor e o texto literário » de Dietrich Rall traduzida por Tatiana Landim. Trata-se de um texto fundamental para esclarecer a questão do leitor no quadro da teoria da recepção, da qual Dietrich Rall foi um eminente representante. A tradução, com introdução e notas, é precedida de uma apresentação pelo Prof. Gunter K. Pressler.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor; texto literário; teoria da recepção; Dietrich Rall.

RÉSUMÉ

Voici une communication faite en 1986 à l'occasion du colloque « la lecture et les lecteurs » de l'Association mexicaine de linguistique appliquée: « Le lecteur et le texte littéraire », traduite par Tatiana Maria Holanda Landim. Il s'agit d'un texte fondamental pour comprendre la question du lecteur dans la perspective de la théorie de la réception, dont Dietrich Rall fut un éminent représentant. La traduction, avec notes et introduction, est précédée d'une présentation par le Prof. Gunter K. Pressler.

MOTS-CLÉS: Lecteur; texte littéraire; théorie de la réception; Dietrich Rall.

A leitura tradutória condiciona as leituras de milhares de pessoas na língua de chegada [...] O tradutor não produz apenas um modelo [...] ele produz ao contrário, por assim dizer, uma segunda paisagem nos moldes da primeira [...] o que não dispensa da obrigação de pesquisar e de tentar o inviável [...] Pois a tradução é a arte do impossível.

Berthold Zilly

APRESENTAÇÃO

Diante da tarefa, aparentemente fácil, de traduzir um texto crítico do espanhol para o português, Tatiana Landim mergulha no quadro desta tarefa na tríade hermenêutica — compreender, interpretar e aplicar. Ela se apoia em Berthold Zilly (2000) e no próprio texto de Dietrich Rall, primeiramente como “tentativa de familiarização”, no segundo momento como busca da tradução e, a partir daí, objetiva a “re-constituição” do texto na outra língua. Assim, o que quer dizer realizar o processo hermenêutico na área da tradução? Não é somente transportar o sentido do original na língua de chegada?

Retomemos o início decisivo dessa questão nos tempos modernos: O pai da hermenêutica romântica, Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768 — 1834), famoso tradutor dos diálogos de Platão, entende a interpretação e a tradução como técnica (*Kunstlehre*) da compreensão que reflete sobre as condições desta no contexto histórico. A objetividade é garantida pelo método gramatical (língua/linguagem), mas levando em consideração a subjetividade existente pela individualidade do autor/leitor que inclui na criação/tradução sua visão e sua experiência no e do mundo. No próximo passo, Schleiermacher fala do procedimento comparativo que ressalta a importância do contexto histórico e lingüístico. Ambos encontram-se no “procedimento divinatório” que abrange o sentido do texto pela “intuição”. Todos os momentos reagem numa rede de ligações e resultam numa compreensão complexa do texto transmitido. Desta forma, Schleiermacher elabora a “dialética [...] como doutrina/teoria da ciência (não como ciência), em que são os princípios do filosofar — pois o saber é um pensar em comum — ao mesmo tempo que os do diálogo [...] A dialética estabelece, conseqüentemente, os princípios pelo cumprimento dos quais o pensar cessa de ser somente um individual e subjetivo”¹. Hoje, Schleiermacher chama atenção particularmente pelos seus trabalhos sobre a

¹ J.E.Erdmann, *Philosophie der Neuzeit*, 1978, p. 72 (grifo no original). Traduzimos os termos em alemão da seguinte maneira: *Gesprächsführung* como diálogo, *Wissenschaftslehre* como doutrina/teoria da ciência.

Hermenêutica, mas se dedicava em vida à questão da ética que segue a compreensão da dialética filosófica:

Como é visto, numa síntese pessoal entre razão e natureza (sensualidade), o que consta nesta ou naquela, o ideal ou a temporalidade, a virtude é *maneira de ser/caráter* ou *técnica*, as quais nunca podem ser separadas, mas diferenciadas de maneira em que o caráter acorda e a técnica cresce. Se se cruzasse esta oposição com a outra, a do *reconhecer* e a do *representar*, resultariam quatro características ou virtudes: caráter no reconhecer e representar; i.e., sabedoria e amor; e técnica, i.e., prudência/reflexão e persistência/constância².

Reconhece-se bem os princípios filosóficos e epistemológicos que norteiam o pensamento de Schleiermacher e toda a hermenêutica posterior até a Escola de Constança. Landim observa e ressalta a *crux* da relação dialética entre objeto e sujeito, indivíduo e histórico-coletivo nos momentos da recepção: leitor empírico — texto — estrutura — leitor implícito, analisada por Rall no posicionamento e na função do “leitor frente ao texto [...] e o leitor integrado ao texto (efeito)”, em que, congenialmente, Jauss e Iser se complementam. Nesta complementação (completude) se desenrolará uma teoria da recepção.

O que justifica esta tradução? A publicação de ensaios e artigos nas áreas de estudos literários, lingüísticos e interculturais mostra que Dietrich Rall, em conjunto com Marlene Rall, dedicou-se mais de três décadas às questões da recepção (“Brecht en México”, 1972; “La Teoría de la Recepción: el Problema de la Subjetividad”, 1980; “La Recepción de *La Serpiente Emplumada*, de D.H.Lawrence, em México”, 1983; “Recepción de Sor Juana Inês de la Cruz em el Âmbito de la Lengua Alemana”, 1998; etc.) como, ele mesmo

² Op. cit. p. 73. Traduzimos os termos da seguinte maneira: *Gesinnung* como maneira de ser/caráter e *Fertigkeit* como técnica; *Erkennen* como reconhecer e *Darstellen* como representar; *Tugend* como virtude e característica; *Besonnenheit* como prudência/reflexão e *Beharrlichkeit* como persistência/constância.

diz, “investigación empírica de la recepción”³. Autor, co-autor e organizador de mais de 30 livros, Rall compreende as propostas da Estética da Recepção e do Efeito sempre como tarefa prática ou pragmática, no sentido de Rainer Warning⁴, i.e., investigar fenômenos da recepção literária no âmbito da literatura comparada: alemão e espanhol, particularmente no México. Não foi objetivo dele aprofundar em termos de reflexão teórica a analogia dos termos “leitor implícito” (Iser) e “leitor modelo” (Eco).

Na introdução à antologia, Alberto Vital — editor da antologia dos Rall e autor do estudo sobre a recepção de Juan Rulfo na língua alemã — ressalta as tarefas diferenciadas e complementares do pesquisador e do acadêmico; o último “transforma una tradición, manteniéndola viva. Como advertía Hans Robert Jauss, ésta no puede transmitirse por sí sola: le es indispensable la actividad selectiva y renovadora del lector, del filólogo, del historiador y, sin duda, del catedrático”⁵. O professor universitário cumpre a necessidade de ensinar, reformular e atualizar o conhecimento estabelecido. “Vista la tradición como un conjunto de saberes organizados, el catedrático, hermeneuta cotidiano, se encarga de situarla *aquí y ahora* y de ejercer un corte en la misma, puesto que su análisis de los textos implica la elección tanto de una herramienta de estudio como de una o varias interpretaciones entre todas las posibles, siempre de acuerdo con lo que el texto mismo le solicita”⁶. A própria teoria da Escola de Constança contribui bastante para aproximar docência e pesquisa, uma vez que proporciona a empatia entre o investigador e o leitor empírico da visão das coisas.

A importância desta questão Vital articula nos parâmetros jaussianos de repensar a historiografia literária sob

³ Dietrich Rall, “El Lector y el Texto Literario”, 1999, p. 106.

⁴ Cf. R. Warning, “La Estética de la Recepción en cuanto pragmática em las Ciencias de la Literatura” (1989).

⁵ Alberto Vital, “Introducción”. In: Dieter e Marlen RALL (1999), p. 9.

⁶ L.c.

a perspectiva da antropologia e dos estudos culturais na trilha do pós-colonialismo. A troca de paradigmas entre leitores profissionais possibilita a elaboração “de una historia verdadera y sistemática de la literatura mexicana” a fim de distinguir, como os Rall, “la historiografía literaria europea de la latinoamericana y de aprovechar las propuestas de esta última”⁷. Em 1994, Vital alertou sobre a importância do papel do leitor diante da situação mexicana e dos defensores da literatura nacional: “para ellos, todo debería ser mexicano: los temas, el paisaje, los personajes, los contenidos y hasta la residencia física de los autores... Todo, excepto el lector”⁸. Em grande parte, Rall apresenta perguntas e questões instigantes sobre “o mundo à parte” que é o texto literário. Percebe-se inquietações existentes de muito tempo que levaram o próprio Wolfgang Iser a seguir um caminho de desdobramento que intitulou “Antropologia Literária” — por que o ser humano necessita da ficção?

Espera-se que esta tradução não só sirva como exercício, mas também contribua para um debate mais detalhado sobre a própria recepção da Estética da Recepção e do Efeito no Brasil, dialogando com a América Latina.

Gunter Karl Pressler

REFERÊNCIAS

ERDMANN, Johann Eduard. *Philosophie der Neuzeit*. 3.ed. sa Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1978.

PRESSLER, Gunter Karl. A Teoria da Recepção da obra literária. uma proposta à revisão da Historiografia Literária (brasileira). In:

⁷ A. Vital, op. cit. p. 12 e 14. Cf. esta questão a respeito da literatura brasileira: Gunter K. Pressler, “A Teoria da Recepção da Obra Literária. Uma Proposta à Revisão da Historiografia Literária (Brasileira)” (2001).

⁸ A. Vital, El Arriero em el Danúbio.

Recepción de Rulfo em el Ámbito de la Lengua Alemana, 1994, p. 11; cf. também pp. 14, 15 (a relação entre nacionalistas e vanguardistas no início do século XX).

FARIAS, José Nivaldo de; MALUF, Sheila D. (org.). *Literatura, Cultura e Sociedade*. Maceió: EDUFAL/PPGGL, 2001.

RALL, Dietrich e Marlene, *Paralelas. Estudios Literarios, Lingüísticos e Interculturales*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1999.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica. Arte e Técnica da Interpretação*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VITAL, Alberto. *El Arriero em el Danúbio. Recepción de Rulfo em el Âmbito de la Lengua Alemana*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994.

_____. Introducción. In: RALL, Dieter; RALL Marlen. 1999.

WARNING, Rainer (org.). *Estética de la Recepción*. Madrid: Visor, 1989. (trad. do alemão, 1975).

ZILLY, Berthold. O Tradutor Implícito: Considerações acerca da Translingualidade de *Os Sertões*. *Revista USP*, São Paulo, n. 45, p. 85-105, mar.-maio, 2000.

INTRODUÇÃO

A apresentação de Dietrich Rall, realizada em 1986 por ocasião do Colóquio “A leitura e os leitores”, da Associação Mexicana de Lingüística Aplicada — AMLA, continua bastante atual, pondo em relevo aspectos ainda merecedores de reflexão e elucidação por parte dos críticos e estudiosos da literatura de modo geral, os quais já não podem deixar de pensar na importância do leitor de textos literários e nas implicações geradoras deste ato. Fato é que foi publicada há apenas três anos atrás, dando mostras de que o tema ainda desperta o interesse, provoca discussão e demanda pesquisa que busque respostas capazes de propiciar um melhor entendimento da literatura e do fenômeno literário¹.

¹ Este texto foi publicado em 1999, ou seja, treze anos após a sua apresentação na AMLA. In: RALL, Dietrich & RALL, Marlene. *Paralelas. Estudios Literarios Lingüísticos e Interculturales*. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1999.

Trata-se de um texto eminentemente didático, auto-explicativo, de linguagem clara e objetiva, que utiliza a técnica bastante usual de citações, a fim de confirmar os argumentos e a compreensão do autor, da mesma forma que dispõe de explicações em notas de rodapé com a finalidade de melhor propiciar a sua recepção. Tais características poderiam dispensar tradução para o português, idioma de mesma origem e de grande proximidade com o espanhol. Entretanto, foi por desacreditar desta argumentação e por entender o leitor (aliás, em consonância com o tema em questão) enquanto um “receptor de textos” e, desta forma, um intérprete que, antes de tudo, precisa ler para compreender² que se intentou uma tradução na ocasião do Curso de Estética da Recepção do Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará — UFPA, ministrado pelo professor Gunter Karl Pressler. Assim, da necessidade de se constituir leitora surgiu a necessidade de se fazer tradutora. Esta tarefa, pois, justificase pela precisão de um amplo entendimento dos termos e dos conceitos abordados o que, sem dúvida, dificilmente teria ocorrido na mesma proporção em caso de uma leitura na língua original. Os elementos estruturais observados podem ser identificados como facilitadores da tradução, mas isto não implica na dispensa desta.

A este respeito, vale destacar o pensamento de Berthold Zilly, que ressalta a importância de “bem entender” um texto literário e o papel do tradutor para a sua concretização e atualização:

² ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura. Uma Teoria do Efeito Estético*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1. Coleção Teoria. p. 49. “A interpretação começa hoje a descobrir sua própria história, ou seja, não só os limites de suas respectivas normas, mas também os fatores que não se manifestavam sob as normas tradicionais. Um desses fatores é, sem dúvida, o leitor, ou seja, o verdadeiro receptor de textos. Enquanto se falava da intenção do autor, da significação contemporânea, psicanalítica, histórica, etc. dos textos ou de sua construção formal [...] tudo isso só teria sentido se os textos fossem lidos”.

Nomeadamente os textos literários [...] pressupõem um leitor que seja um parceiro do autor, um colaborador, que entenda as intenções inscritas neles, que reconstrua e mobilize as suas idéias [...] que saiba preencher as suas elipses, lacunas e reticências [...] O tradutor evidentemente também é leitor, um leitor especialmente atento [...] na tarefa da (re)constituição dos significados da obra.³

E acrescenta que:

O tradutor precisa manter uma perspectiva de fora [...] resistindo aos perigos da familiaridade não questionada, simpática em si [...] A imediata proximidade cultural e lingüística pode embotar o olhar do leitor, turvar a sua sensibilidade e argúcia, sugerir-lhe uma fácil compreensão, às vezes ilusória.⁴

Na verdade, em se tratando de um texto didático, a comparação proximal entre as duas línguas não causa aparentes problemas na tradução. Porém, sem esta, a compreensão textual para os leitores do idioma não-original pode ficar comprometida, afetando a recepção. De fato, isto foi o que ocorreu num primeiro momento de leitura do texto na língua original: houve um impacto inicial e uma tentativa de familiarização. Em seguida, tentou-se vencer o desafio da língua, ou seja, buscou-se uma tradução. E, a partir de então, houve, pode-se dizer, uma “re-constituição”, tornando-se possível, quase que concomitantemente, a compreensão, a sistematização e a interpretação das idéias, numa tentativa de atualização do mesmo.

Como o próprio autor esclarece, a apresentação abarca a temática do leitor, indicando as possíveis variantes de determinação de seu posicionamento e sua função em face do

³ ZILLY, Berthold. “O Tradutor Implícito: Considerações acerca da Translingualidade de *Os Sertões*”. *Revista USP*, São Paulo, n. 45, p. 85-105, mar./maio 2000, p. 86-7. Grifo nosso.

⁴ Idem, p. 89. É válido estender a idéia da *imediata proximidade cultural* para o tradutor-leitor.

enfoque da leitura, e evidencia o duplo direcionamento do foco referencial: o leitor frente ao texto, ancorado no transcurso da história e do texto, ou seja, ancorado em sua estrutura, numa relação de comunicação leitor-público (recepção), numa relação “subjeto-objetiva”; e o leitor integrado ao texto (efeito)⁵. Desses pressupostos, extrai a conclusão de que ambos se complementam, porque só se torna possível a compreensão das características estruturais do texto, compreendendo também a sua recepção ao longo da história.

Percebe-se, contudo, uma relativa profundidade, o que possivelmente corresponde à pretensão do autor, pois, ao mesmo tempo em que apresenta um conhecimento acerca da temática proposta, insiste em não fornecer respostas prontas e definitivas. Ao contrário, formula uma série de perguntas intrigantes que, incontestavelmente, desperta o interesse e suscita um estudo mais acurado sobre o assunto.

O uso das citações é uma técnica que ratifica e legitima as idéias desenvolvidas por Rall, que delas se utiliza fartamente, quer seja sucinta, quer seja de forma aprofundada. Há umas que mencionam outras; e outras que nelas se baseiam, alertando para passos ainda não explorados e norteando novas leituras que improvavelmente poderiam ser abordadas no momento. As notas, por outro lado, não se caracterizam em grande número (apenas cinco), mas, necessárias para complementar as idéias apresentadas, mantêm-se na mesma numeração do original.

No presente trabalho de tradução, aliás, optou-se por conservar ao máximo a forma do texto original em espanhol, sem se perder de vista a coerência e o equilíbrio necessários, o que não se constitui um grande esforço ante a organização e a

⁵ O autor toma por base o conceito iseriano de “leitor implícito” recorrendo, em muitas ocasiões, aos seus pressupostos teóricos, bem como faz referência a outros tipos de leitores, também explorados por Iser em *O Ato da Leitura*. Nota-se ainda uma tentativa de aproximação (não aprofundada) do “leitor implícito” com o “leitor modelo” de Umberto Eco.

coesão textual, a clareza das idéias e a escolha acessível dos temas. Porém, deve-se frisar a existência de notas explicativas, presentes no final, compreendidas como uma extensão desta tradução, na tentativa de contribuir para um melhor entendimento e, se de todo não iluminar, ao menos fornecer um prisma que possibilite a concretização e uma possível atualização da edição original.

O LEITOR E O TEXTO LITERÁRIO*

Dietrich Rall

Originalmente pensava dar a este trabalho o título de “O leitor no texto literário”, mas quando definimos o programa do simpósio e escolhemos relatos e temas, meus companheiros do comitê organizador me convenceram de que no título “O leitor e o texto literário” poderia incluir o “Leitor no texto literário”.

Qual é a diferença de proposição e por que vale a pena abarcar a temática desde esses dois pontos de vista? Quando digo “O leitor e o texto literário”, concebo melhor uma relação sujeito-objeto, certa posição que projeta o leitor frente a seu texto. Várias contribuições a este simpósio tratam o fenômeno da leitura sob este ponto de vista: que faz ou tem feito (ou não) certo tipo de leitor ou de leitores com certo tipo de leitura? Poderíamos chamar a este delineamento sociológico, psicológico, empírico, histórico. E quando se trata da leitura de textos literários, podemos falar de metodologia sócio-literária, investigação empírica da recepção de textos (por leitores do passado ou do presente), de história da leitura.

* Exposição lida no Colóquio “A leitura e os leitores”, da Associação Mexicana de Linguística Aplicada (AMLA) em 1986, CELE-UNAM. In: *Estudos de Linguística Aplicada*, Ano 7, Nº 10, Dic. 1989, México: CELE-UNAM, p. 111-126).

** Certamente, existem muitos outros enfoques possíveis sob os quais se tem tratado o literário e os leitores, no transcurso da história.

Trata-se de uma aproximação muito importante para o estudo da leitura de textos literários, pelos diferentes tipos de leitores.

A outra aproximação à variante “O leitor no texto literário” seria bem mais semiológica, estrutural, pragmática no sentido da situação comunicativa entre texto e leitor. Como toda mensagem, também o texto literário contém implicações, pressuposições, intenções e estratégias integradas ao texto^[1]. Cada texto já contém um leitor que não é um leitor real^[2], mas um *constructo*^[3] (mais ou menos conscientemente fabricado pelo autor) que influi no modo de leitura e no efeito do texto nos leitores. Trata-se de uma oferta de comunicação^[4] que busca sua recepção adequada, ideal. A este *constructo* pode-se chamar “leitor implícito” (Wolfgang Iser) ou “leitor modelo” (Umberto Eco)^[5], e esse tipo de “leitor” é essencial para a leitura de textos literários: “[...] um texto postula a seu destinatário como condição indispensável não só de sua própria capacidade comunicativa concreta, como também da própria potencialidade significativa. Em outras palavras, um texto emite-se para que alguém o atualize; mesmo quando não se espera (ou não se deseja) que esse alguém exista concreta e empiricamente” (Eco, *Lector en fábula*, p. 77)^[6]. “Gerar um texto significa aplicar uma estratégia que inclui as previsões dos movimentos do outro; como ocorre, por demais, em toda estratégia. Na estratégia militar (ou enxadrista, digamos: em toda estratégia de jogo), o estrategista constrói para si um modelo do adversário” (Eco, *ibidem.*, p.79)^[7]. E continua Eco:

Para organizar sua estratégia textual, um autor deve referir-se a uma série de competências [...] capazes de dar conteúdo às expressões que utiliza. Deve supor o conjunto de competências a que se refere seu leitor. Por conseguinte, deverá prever um Leitor Modelo capaz de cooperar na atualização textual de maneira prevista por ele e de se mover interpretativamente, tal como ele se moveu generativamente. (Eco, *ibidem*, p. 80).^[8]

Com estas duas aproximações ao estudo do leitor, encontramos-nos ante um problema metodológico. Considero que os dois enfoques para estudar a relação do leitor com o texto literário se complementam: só se conhecem as características estruturais dos textos (incluindo o “leitor implícito”) se podem estudar e interpretar as diferentes leituras do mesmo texto no transcurso da história. A investigação do efeito (ancorado na sua estrutura) de um texto literário e a de sua recepção (desde o ponto de vista do público) estão estreitamente ligadas^[9].

Incluí estes dois aspectos em vários estudos da leitura e da recepção literárias, elaborados nos últimos anos; às vezes enfocavam-se mais em direção ao aspecto sócio-literário, à crítica da crítica e à investigação empírica da recepção. (Este seria o caso das publicações “A literatura espanhola à luz da crítica francesa”, “Brecht no México”, “A teoria da recepção: o problema da subjetividade”, “A recepção de *A serpente emplumada* de D. H. Lawrence no México”.) E às vezes busquei na estrutura dos textos a explicação de suas diferentes leituras (“Lugares comuns, silêncios, vazios: leitores e expectadores ante o teatro de Ödön von Horvath”, “A morte como espaço vazio”, “Em busca do texto literário perdido”). Nos três últimos trabalhos citados centrei meu interesse na estrutura aberta da obra literária^[10]: os brancos ou vazios causam a multiplicidade das leituras.*

Baseando-me nos trabalhos de *Em busca do texto*, tratarei de duas facetas do complexo tema da leitura de textos literários. Abordarei as seguintes perguntas:

- 1 — O texto literário: um mundo à parte?
- 2 — Que é o leitor?^[11]

* Um enfoque comparável encontra-se no livro *Uma retórica do silêncio*, de Lisa Block de Behar. Assim sendo, em 1986 terminei uma seleção e apresentação de textos de teoria e crítica literária, incluídos numa antologia que a UNAM publicou em 1987 com o título *Em busca do texto. Teoria da recepção literária*, como parte da coleção “Pensamento social contemporâneo”, do Instituto de Investigações Sociais.

1 O TEXTO LITERÁRIO: UM MUNDO À PARTE?

Antes de falar do texto literário, seria necessário tratar de definir “o literário”, coisa que *não* pretendo fazer. Para isso, existe um sem-número de estudos famosos dos grandes das ciências literárias. Ainda assim, estamos longe de contar com uma definição unívoca do fato literário. Robert Escarpit escreveu em seu livro *O literário e o social*: “Nada é menos claro que o conceito de literatura. A própria palavra possui uma grande variedade de empregos e seu conteúdo semântico é tão rico quanto incoerente. De fato, é impossível apreender a literatura em uma só operação intelectual” (p. 9).

Depois de intentar definições do literário com base em critérios da estética tradicional (“o belo”, “os valores eternos”, “as grandes obras”) e estrutural/lingüístico, hoje existe ademais uma tendência de explicar o literário a partir de critérios comunicativos e sociais, aceitando de antemão um tratamento hermenêutico dos textos por parte dos leitores, a saber: lêem-se e interpretam os textos estando conscientes da situação social, histórica, cultural do leitor e medindo a distância estética entre os horizontes de produção e recepção originais e o horizonte de recepção de cada leitura. A literatura como expressão social poderia definir-se como o tem feito Juri Lotman (em *O Contentamento e a Estrutura da Concepção de Literatura*, PLT 1, nº 1, 1973, p.340; citado segundo Cezar González, *A Função da Teoria nos Estudos Literários*, p. 135-136): “A análise de um texto literário deve partir da dupla definição deste: por um lado, desde o ponto de vista de sua função[,] já que um texto literário é ‘qualquer texto verbal que, nos limites de uma cultura é capaz de cumprir uma função estética que possa contar como literatura’ (Lotman 1976b: 340); por outro lado, desde o ponto de vista de sua organização interna: para que um texto seja literário, deve também ‘estar semanticamente organizado de alguma maneira definida e conter certos sinais que dirijam a atenção para essa organização’ (*ibidem*, p. 341)”.

No momento, podemos nos contentar em dizer que os textos literários têm certas características estruturais e cumprem um papel social específico. E isto não só a nível ideológico (a literatura como reflexo social e como possível impacto na sociedade), mas também a nível comercial, de meios e de consumo: “Como tal, inclui uma produção, um mercado e um consumo” (Escarpit, *op. cit.*, p. 32).

Porém, o interesse pelo leitor de textos literários certamente não é exclusivamente comercial. Ainda assim, para as editoras, a pergunta também se delineia a esse nível: Como contratar autores de sucesso? Como encontrar e selecionar os textos que tenham êxito com o público e que no melhor dos casos cheguem a ser “bestsellers”? Como convencer o público para que compre e leia um livro? O mundo dos textos literários é, pois, uma realidade palpável, se bem que os textos sejam “fictícios”, como se costumam chamar. Porém, por que ficção? Ou melhor, o texto literário só utiliza seu código especial (um subsistema de signos, neste caso, lingüísticos) para a captação e apresentação da realidade. Todos nossos intentos por observar e interpretar o mundo que nos rodeia só são aproximações a uma “realidade” não existente, como tal fora de nosso conhecimento. Sabemos que também as ciências “exatas” constroem seus sistemas de signos e códigos para captar e descrever a realidade do mundo físico. Têm instrumentos que resultam eficazes para analisar, mas muito deficientes para compor, construir e explicar uma realidade complexa. Portanto, considero o mundo da ficção literária como *uma* das muitas realidades nas quais estamos submergidos. Também a literatura busca descrição, explicação e, às vezes, orientação (com acertos e falhas). Aceitemos, pois, a literatura como uma realidade *sui generis*.

Chega-se a escutar com freqüência vozes alarmadas que predizem o desaparecimento do livro e do livro de ficção, do texto literário em especial. Segundo os estudos do mercado, existe uma tendência para a leitura de textos de divulgação e

de ciências; mas, de maneira geral, nota-se uma alarmante baixa na leitura, em comparação com outros meios. Sem embargo, os conhecedores não deixam de sublinhar a importância da leitura, como Manuel González Casanova, em relação ao ciclo “Da tinta e da emulsão”, que inaugurara Gabriel García Márquez. Sublinhou González Casanova que “é fundamental a importância do livro impresso e da celulósido no desenvolvimento cultural do homem” (*Excelsior*, 10 de maio de 1986). Também na última Feira do Livro de Frankfurt insistiu-se muito na importância do ensino e da arte da leitura, e foi notório o fomento da leitura e o interesse pelo leitor, o qual parecia ser o rei.

Entre o otimismo e o pessimismo relacionados ao destino do livro e, em especial do texto literário, nós, os leitores de obras de poesia, de ficção, etc., estamos conscientes de que nos encontramos em uma situação especial. Não terminou a discussão acerca do sentido de ler literatura. Existe uma dialética entre o “mundo real” e o mundo de ficção, e ao leitor de textos literários reprova-se que este se perca em um mundo não “real”. Até já houve uma tese de doutorado com o título de *A Legitimidade da Ficção*, em que a autora, Alaida Assmann, apresenta e comenta os prós e os contras que se têm manejado, ao longo da história, relacionados à leitura de ficção literária.

E o leitor de obras literárias: tem que se legitimar? Lendo, vive-se em um mundo à parte? Por que é inquietante ler textos literários, tanto para os que não o fazem como para os que sim? E por que sempre se têm encontrado razões suficientes para defender a leitura literária, frente a mais objetiva, a mais real, mais útil... de outros textos, como periódicos, manuais, instrutivos, obras científicas de diferentes especialidades, revistas de todo tipo, biografias, reportagens? Por que os leitores desses tipos de textos, em geral, não têm que se legitimar, uma vez que se considera que seus leitores lêem e estudam para instruir-se, informar-se e superar-se? E, no

entanto, outros, que desfrutam seu tempo lendo ou escrevendo textos literários, têm que defender seu mundo fictício.

Por outro lado, chama a atenção o fato de que a leitura de textos literários e o conhecimento da história literária têm prestígio e se considera prova de cultura e de nível social superior. Todo tipo de gente imersa na vida “real” gaba-se de seus conhecimentos literários pronunciando no momento adequado nomes de autores e títulos de obras do passado e do presente. Que é, então, o fascinante da leitura de textos literários?

Na antologia *Em Busca do Texto*, incluí um trabalho de Anthony Percival, “O leitor em *Rayuela*”. Baseando-me na teoria do leitor implícito de Wolfgang Iser, Anthony Percival trata de encontrar uma explicação:

Ao ler uma obra de ficção entramos em contato com um mundo que, em geral, é diferente do mundo cotidiano em que vivemos^[12]. Só poderemos aceitar o mundo fictício como representação convincente de uma realidade possível se desejarmos que nossa imaginação a confirme como uma ilusão^[13]. Se impedíssemos a intervenção desta capacidade para formar ilusões, o texto não nos pareceria coerente e simplesmente deixaríamos de lê-lo^[14]. Ao contrário, se nos entregássemos por completo à ilusão de crer no mundo de ficção, em pouco tempo nos encontraríamos na situação do lunático quixotesco. O realismo na ficção nos faz aceitar os sucessos narrativos como uma imitação da realidade, se bem que em numerosas ocasiões trata criticamente o tema da ilusão e da realidade (procedimento que seguia Galdós, por exemplo); a quem se opõem ao realismo, em troca, geralmente lhes interessa mostrar o absurdo da ilusão mediante o uso de técnicas e estruturas que dirigem a atenção para o fato de que uma obra literária é antes de tudo algo elaborado pelo homem, um artefato verbal imaginário. Não obstante, não poderíamos desfrutar este tipo de obras se não pudéssemos dar-lhe certo grau de coerência mediante a formação de uma ilusão, ainda quando só se trate de uma ilusão que tenha que destruir^[15]. Ler implica um processo constante de configuração e

destruições de ilusões; elaboramos um esquema coerente, armamos uma interpretação dos sucessos que vão ocorrendo, só para encontrar outros que nos obrigam a abandonar essa ilusão de coerência e a realizar outro intento de interpretação que permita incorporar os novos fatos. Participamos, portanto, em uma atividade indiscutivelmente criativa que consiste em por à prova as hipóteses, em aceitá-las ou repeli-las. Para sermos mais precisos, deveríamos falar da leitura como uma atividade re-criativa^[16], posto que o leitor participa “na ordenação dos elementos de um todo, processo que é, em termos gerais, se bem não em detalhe, semelhante ao processo organizador que leva a cabo de maneira consciente o criador da obra^[17]. (J. Dewey, *Arte como Experiência*, Nova York, 1934, p.54, em A. Percival, p. 241 y.s.)

Porém aqui não só quero sublinhar as características criativas e re-criativas dos textos literários. Também outros textos exigem a participação ativa do leitor, mesmo que, por estar geralmente menos abertos (cf. *Obra aberta*, de Umberto Eco), não deixam tanto espaço à imaginação^[18]. A maneira como se fecham os espaços à própria imaginação é notada claramente no caso das novelas recriadas em forma de películas. *A História Interminável*, de Michel Ende (para dar um só exemplo), encontra exatamente seu término na película. O texto encontrou uma concretização pictória, e desta forma a fixação do texto aberto será incluída para sempre em sua recepção (pelo menos das pessoas que tem visto a película).

À parte deste aspecto criativo/re-criativo, quero mencionar outra função dos textos literários. No artigo “Sociologia e Estética da Recepção”, incluído em minha antologia *Em Busca do Texto*, seu autor Hans Ulrich Gumbrecht sublinha a função social e prática dos textos literários. O texto literário utiliza de maneira exemplar essa possibilidade de nossas línguas de expressar “o não previsto socialmente e até o inadmissível”. Essas alternativas, oferecidas pelos textos literários, podem “provocar mudanças de estrutura, sem que exista uma ameaça ao sistema, por assim dizer, a partir de seu interior” (Gumbrecht, p. 16 y.s.):

Nesta perspectiva a literatura pode ser *entendida* como um acervo das possibilidades de ação, utilizadas pelos sistemas na constituição do sentido, mas também em especial como um acervo dessas possibilidades alternativas, com isto repelidas: a recepção literária cria acessíveis ao leitor as variações preservadoras da contingência frente ao horizonte de sua práxis vital, fixado socialmente. Por isso, D. Wellershoff conta a leitura entre os “espaços de simulação para uma ação alternativa de prova como um risco reduzido^[19]. O não dominado operacionalmente, o não usual, o perigoso e o proibido, o temido e o desejado podem fazer-se acessíveis aqui à experiência, porque as experiências permanecem *fictícias*^[20] ou teóricas e com isto só se pode morrer *fictícia* ou teoricamente. A eliminação do risco prático abre o espaço das possibilidades não atualizadas e relativiza desta maneira a práxis atual.

Fica aberta a pergunta — e isto poderia ser um campo de investigação — acerca de se e como a leitura de textos literários influi ou tem influenciado no comportamento social dos leitores. Tem-se demonstrado “que a recepção literária pode alcançar uma relativização da realidade social, internalizada pelos leitores, já que lhes permite a execução imaginária de possibilidades de ação, que [são] eliminadas pelos sistemas sociais correspondentes” (Gumbrecht/Wellershoff, p. 68). Mas, por outro lado, é igualmente possível que outro tipo de textos literários reforce os comportamentos sociais do sistema em vigor. (Penso num bom número de “*bestsellers*”, nas foto — e telenovelas, etc.) Neste caso, o horizonte de expectativas^[21] do texto (do autor?) coincide com o do leitor e da maioria do público. O texto conservador não apresenta esse potencial de negatividade (ou alteridade) dos textos anteriormente mencionados e não pretende uma mudança de comportamento, mas a continuação dos padrões vigentes. O leitor desse tipo de textos literários busca a confirmação de seus valores e ilusões e de seu comportamento social^[22].

2 QUE É O LEITOR?

Até agora temos falado, de maneira muito geral, de dois tipos de leitores: o leitor “real” e o leitor “implícito”. No ponto anterior, especulei sobre o que o leitor “real” pode fazer com um texto fictício. Mas sabemos que existe um sem-número de leitores, que são potencialmente todos os seres humanos que sabem ler. Mas este “saber ler” é muito relativo, e cada leitor se transforma, ao longo de sua vida, em diferentes leitores que mudam com toda nova experiência, de leitura “real” ou vivência “real”.

Em um de seus muitos intentos por definir os diferentes conceitos de leitores, a investigação orientada para a estética da recepção distingue os seguintes níveis de leitor (que não há que confundir com os tipos de leitores, segundo idade, interesse, formação, classe social, etc.)^[23].

Autor Leitor A1 L1 Autor real Leitor real (pessoal histórica empírica; público)	Nível N1 Mundo “real” (nível externo ao texto)
A2 L2 Autor abstrato Leitor abstrato = autor implícito = leitor implícito (instância abstrata = construção teórica) Oferta de comunicação recepção/adequada/ideal	(níveis internos) N2 Situação comunicativa Abstrata, normativa
A3 L3 Autor fictício Leitor fictício = autor explícito, = leitor explícito narrador (personagem fictícia = personagem no texto)	N3 Situação comunicativa fictícia
Situações comunicativas dentro do mundo narrado (conversações, etc.) e todos os acontecimentos narrados	N4 “O mundo no texto”

^{*} O quadro se baseia num esquema de Hannelore Link, *Rezeptionsforschung*, Stuttgart, 1976, p. 25.

O esquema inclui também o lado do autor ao qual até agora não temos prestado muita atenção. Seria outro tema inesgotável. Hoje nos interessam a leitura e a relação entre leitor e texto. Normalmente, o leitor sabe pouco ou nada do autor real, com exceção dos profissionais da leitura literária, dos críticos, dos amigos, etc. Segundo este esquema, fica clara a diferença entre leitor “real”, leitor implícito e leitor fictício. Mas um tem que ver com o outro quando o leitor real começa a ler. A pergunta é até que ponto este se aproxima ao leitor implícito. Os dois níveis nos oferecem material suficiente para a investigação: o leitor real aos sociólogos e aos interessados nos estudos empíricos da recepção e a didática da literatura; o leitor implícito, aos teóricos do texto, aos semiólogos e aos narratólogos. Com base na teoria da recepção se poderiam investigar muitos campos da leitura literária. Pode-se tentar escrever uma história literária do leitor mexicano: como tem lido nos séculos passados? E, por onde coincide a análise dos dados com a história literária reconhecida? Outra área do estudo poderia ser a descrição do leitor implícito em obras representativas de diferentes épocas para detectar as diferentes concepções que os autores tiveram de seus leitores^[24]. Deste modo, poder-se-iam comparar os diferentes horizontes estéticos ao longo da evolução literária e social. Daí poderia estender-se a investigação até um estudo de literatura comparada que descrevesse também os leitores implícitos em obras estrangeiras da mesma época.

Detenho-me um momento no conceito de leitor implícito. Em seu livro *O Ato da Leitura*, Wolfgang Iser dá explicações valiosas a respeito.* Em suas “Considerações prévias sobre uma teoria do efeito estético”, Iser trata de dois pontos:

1. A perspectiva orientada para o leitor e as objeções formuladas tradicionalmente.
2. Os conceitos de leitor e o conceito de leitor implícito.^[25]

* Um capítulo do livro inclui-se na antologia *Em Busca do Texto*, conforme a tradução de Sandra Franco.

Iser argumenta em favor de uma crítica literária que leve em conta “o leitor e com ele o verdadeiro receptor dos textos. Em tanto se falava da intenção do autor, do significado contemporâneo, psicanalítico, histórico e de qualquer índole dos textos ou de sua forma de construção, de acordo com as estruturas estabelecidas, pensava-se raramente que tudo isto só adquire sentido quando se lêem os textos” (*Der Akt des Lesens*, p.37)^[26].

O conceito iseriano do leitor implícito pode ser comparado com outros conceitos do leitor propostos por notáveis críticos: o leitor contemporâneo; o leitor ideal, o leitor informado (Standley Fish); o arquileitor (Michel Riffaterre); o leitor pretendido (Erwin Wolff). Em *Der Akt des Lesens*, Iser apresenta e compara os diferentes tipos de leitores (p. 50 a 67)^[27] e, ainda que não o inclua, nota-se sua proximidade com o “leitor modelo” de Umberto Eco^[28].

À parte dos dois primeiros, estes tipos de leitores já não se encontram no nível do “leitor real” — dentro do esquema —, mas do leitor implícito, como parte intrínseca do texto literário.

Agora não é o momento para uma comparação detalhada dos conceitos, mas essa investigação fica por fazer-se, como mencionou o mesmo Umberto Eco, em 1985, na Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM. Eco disse que lhe interessava especialmente a comparação entre seu próprio “leitor modelo” e o “leitor implícito” de Iser, para determinar as coincidências e possíveis diferenças.

Por minha parte — em minha breve apresentação sobre o leitor e o texto literário — tentei demonstrar a complexidade das funções do leitor, que hoje em dia se encontra, com justo título, no foco de atenção dos estudos literários.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Alaida (1980) *Die Legitimität der Fiktion. Ein Beitrag zur Geschichte der literarischen Kommunikation* [A Legitimidade da Ficção. Uma contribuição para a História da Comunicação Literária], München: Fink.

BLOCK DE BEHAR, Lisa (1984) *Una retórica del silencio. Funciones del lector y los procedimientos de la lectura literaria* [Uma retórica do silêncio. Funções do leitor e os procedimentos da leitura literária], México: Siglo XXI.

ECO, Umberto (1981) *Lector in fabula. La cooperación interpretativa en el texto narrativo* [Leitor em fábula. A cooperação interpretativa no texto narrativo], Barcelona: Lumen.

_____. (1979) *Obra abierta* [Obra aberta], México: Ariel.

ENDE, Michael (1979) *Die unendliche Geschichte* [A História infinita], Stuttgart: Weitbrecht.

ESCARPIT, Robert (1970) *Le littéraire et le social. Eléments pour une sociologie de la littérature* [O literário e o social. Elementos para uma Sociologia da Literatura], Paris: Flammarion.

GONZÁLEZ, César (1982) *La función de la teoría en los estudios literarios* [A função da teoria nos estudos literários], México: UNAM.

GUMBRECHT, Hans Ulrich (1973) "Soziologie und Rezeptionsästhetik" ["Sociologia e Estética da Recepção"], en: Jürgen Kolbe (ed.), *Neue Ansichten einer künftigen Germanistik* [Novas visões de um futuro da Germanística], München: Hanser, pp. 48-74.

ISER, Wolfgang (1976) *Der Akt des Lesens. Theorie ästhetischer Wirkung* [O Ato da Leitura. Teoria do Efeito Estético], München: Fink.

_____. (1972) *Der implizite Leser. Kommunikationsformen von Bunyan bis Beckett* [O Leitor implícito. Formas de comunicação de Bunyan até Beckett], München: Fink.

LINK, Hannelore (1976) *Rezeptionsforschung. Eine Einführung in Methoden und Probleme* [Pesquisa da Recepção. Uma Introdução em Métodos e Problemas], Stuttgart: Kohlhammer.

PERCIVAL, Anthony (1982) "Reader and *Rayuela*" ["Leitor e *Rayuela*"], *Revista Canadiense de Estudios Hispánicos*, vol. VI, No. 2, 239-255.

RALL, Dietrich (1972) "Brecht in Mexiko" [Brecht no México], en: W. Eitel/J. Höslle (ed.) *Beiträge zur vergleichenden Literaturgeschichte* [Contribuição para a História da Literatura Comparada], Tübingen, 1972, 355-374.

_____. (Comp.) (1987): *En busca del texto. Teoría de la recepción literaria* [Em busca do texto. Teoria da Recepção Literária], México: UNAM.

_____. (1986) "En busca del texto literario perdido", ["Em busca do texto literário perdido"] *Estudios de Lingüística Aplicada*, UNAM, No. 5, 112-137.

_____. (1983) *La literatura española a la luz de la crítica francesa 1898 a 1927* [A literatura espanhola à luz da crítica francesa 1898 a 1927], México: UNAM.

_____. (1985) "La muerte como espacio vacío" ["A morte como espaço vazio"], en M. Valdés (ed.) *Inter-American Literary Relations* [Relações Literárias Interamericanas], Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Literatura Comparada, New York, 273-282.

_____. (1983) "La recepción de *La serpiente emplumada*, de D. H. Lawrence, en México" ["A recepção de *A serpente emplumada*, de D. H. Lawrence, no México"], *Anuario de Letras Modernas*: UNAM, vol. 1, 79-99.

_____. (1990) "Lugares comunes, silencios, vacíos: lectores y espectadores ante el teatro de Ödön von Horváth" ["Lugares comuns, silêncios, vazios: leitores e espectadores ante o teatro de Ödön von Horváth"], *Anuario de Letras Modernas*: UNAM, vol. 3, 1985-1987, pp. 37-47.

_____. (1980) "La teoría de la recepción: el problema de la subjetividad" [A Teoria da Recepção: o problema da subjetividade], *Acta Poetica*: UNAM, núm.3, 181-205.

NOTAS DA TRADUÇÃO

[1] No “Prefácio à Segunda Edição” de *O Ato da Leitura — vol. 1*, p. 7, Iser esclarece que: “A recepção, no sentido estrito da palavra, diz respeito à assimilação documentada de textos e é, por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Ao mesmo tempo, porém, o próprio texto é a ‘prefiguração da recepção’, tendo com isso um potencial de efeito cujas estruturas põem a assimilação em curso e a controlam até certo ponto. Deste modo, o efeito e a recepção formam os princípios centrais da estética da recepção, que, em face de suas diversas metas orientadoras, operam com métodos histórico-sociológicos (recepção) ou teórico-textuais (efeito). A estética da recepção alcança, portanto, a sua mais plena dimensão quando essas duas metas se interligam”.

[2] O autor novamente se refere ao pensamento de Iser, que, ao tratar do leitor implícito, diz: “o leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condição de recepção, a seus leitores possíveis. Em consequência, não se funde em um substrato empírico, mas sim na estrutura do texto” (Iser, *op. cit.*, p. 73.).

[3] O vocábulo *constructo* (proveniente do latim = *constructio*) remete à construção, conforme a concepção iseriana: “Os críticos conhecem [...] vários tipos de leitor, que são invocados quando se trata do efeito e da recepção da literatura. Esses tipos de leitor são normalmente construções que servem para a formulação de metas de conhecimento. Eles se diferenciam, porque alguns enfatizam sua construção, outros seu substrato que justifica as premissas induzidas” (*Ibidem*, p.63).

[4] Iser fala da comunicação que o texto literário realiza, não apenas em se tratando do texto em si, nem tão somente do ângulo do leitor, mas da interação entre ambos. Argumenta que: “O texto literário é considerado [...] sob a premissa de ser comunicação. Através dele, acontecem intervenções no mundo, nas estruturas sociais dominantes e na literatura existente. Tais intervenções manifestam-se enquanto reorganização daqueles sistemas de referência, os quais o repertório do texto evoca. Nessa reorganização de referências relevantes, evidencia-se a intenção comunicativa do texto” (*Ibidem*, p.15).

[5] Observa-se aqui a tentativa de aproximação entre os conceitos de “leitor implícito” e “leitor modelo”, enfaticamente caracterizada pelo uso da conjunção alternativa “ou”. Esta abordagem, no entanto, merece um estudo mais aprofundado, como sugere o próprio Rall, não se pretendendo, nesta ocasião, discutir, buscar uma concepção de ambos os termos ou mesmo tentar confrontar as similaridades que os dois conceitos evocam. Parece

lícita a coincidência de alguns pontos de vista fundamentais, explicáveis, talvez, pelas palavras de Eco, quando em outra situação — refere-se aqui a um artigo que Haroldo de Campos escrevera anteriormente à *Obra Aberta*, como se lhe “antecipasse os temas de modo assombroso” — assim justificou: “isso significa que certos problemas se manifestam de maneira imperiosa num dado momento histórico, deduzem-se quase que automaticamente do estado das pesquisas em curso” (ECO, Umberto. *Obra Aberta*. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 17).

[6] Este excerto pode ser encontrado na página 56 da edição em português: ECO, Umberto. *Leitura do Texto Literário ‘Lector in Fabula. A Cooperação Interpretativa nos Textos Literários’*. Portugal: Presença, 1983. Pertence ao seu capítulo 3, que trata de “O Leitor Modelo” e, mais especificamente, aqui aborda “O papel do leitor”.

[7] *Idem*, na página 57, em “Como o texto prevê o leitor”. É evidente que o termo em espanhol *fabrica* deveria ser traduzido pelo seu idêntico em português. Entretanto, optou-se nesta tradução pela utilização da palavra sinônima “constrói” da edição portuguesa, uma vez que a idéia de construção está diretamente ligada ao tema e, portanto, crê-se mais adequada.

[8] *Idem*, na página 58: “Para organizar a própria estratégia textual, um autor deve referir-se a uma série de competências [...] que conferem conteúdo às expressões que utiliza. Deve assumir [grifo da tradução] que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo do seu leitor...” Observa-se uma diferença substancial entre o verbo “supor” presente no texto em espanhol e o verbo “assumir” na versão portuguesa. Enfatiza-se, com relação ao texto de Dietrich Rall, que o termo *suponer* indica suposição, ou seja, dá idéia de possibilidade, o que parece estar mais de acordo com o pensamento expresso por Umberto Eco.

[9] É pertinente frisar que Rall segue a proposta de Iser, no sentido de uma teoria pragmática do efeito.

[10] Esta “estrutura aberta da obra literária” sugere a noção desenvolvida também por U. Eco. Ver por exemplo *Obra Aberta*. Em outro momento, falando do “leitor modelo”, volta à idéia e diz que: “Um texto, tal como aparece na sua superfície (ou manifestação) lingüística, representa uma cadeia de artifícios expressivos que o destinatário deve atualizar. [...] Na medida em que deve ser atualizado, um texto está incompleto [...] está entretecido de espaços em branco, de interstícios a encher, e quem o emitiu previa que eles fossem preenchidos...” (In: ECO, Umberto. “Leitura do Texto Literário *Lector in Fabula. A Cooperação Interpretativa nos Textos Literários*” Portugal: Presença, 1983. p. 53; 55.).

[11] Percebe-se que as perguntas exibidas *a priori* mostram-se invertidas se forem consideradas segundo a ordem proposta pelo título: espera-se que

inicialmente seja focalizado o leitor e em seguida se trate do texto literário. Entretanto, contrariando o horizonte de expectativas daqueles que com ele se deparam, principia perguntando sobre o texto literário para somente depois indagar sobre o leitor.

[12] Cf. a respeito, entre outros, Iser, *op. cit.*, p. 101-2, quando evidencia a oposição entre ficção e realidade, entendendo a ficção como o “não-real”.

[13] A noção de “mimesis” assume aqui um relevo bastante significativo, uma vez que ressalta a consciência que o leitor deve ter em relação a ela. W. Iser, em *O Ato da Leitura*, fala claramente sobre o processo mimético que o texto literário realiza: “O texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida. Mesmo quando um texto literário não faz senão copiar o mundo presente, sua recepção no texto já o altera, pois repetir a realidade a partir de um ponto de vista já é excedê-la. Em princípio, a recepção do autor ao mundo, que se manifesta no texto, rompe as imagens dominantes no mundo real, os sistemas sociais e de sentido, as interpretações e as estruturas. Por isso, cada texto literário comporta-se seletivamente quanto ao mundo dado, no interior do qual ele surge e que forma sua realidade de referência. Quando determinados elementos dela [da realidade] são retirados e incorporados ao texto, eles experimentam a partir daí uma mudança de sua significação”. (Iser, *op. cit.*, p. 11).

[14] Parece um contra-senso, mas, de fato, não o é: é preciso aceitar o ilusório para que exista a possibilidade dele se transformar em representação da realidade, mesmo que este venha a ser destruído, possibilitando, posteriormente, uma nova reconstituição. Encontra-se em Iser idéia semelhante, a exemplo do “estranhamento” como condição necessária para o efeito que ocorre no leitor, cf. entre outras, *ibidem*, p.80-98.

[15] A idéia de “quebra e a reconstrução do horizonte de expectativa” remete a Hans Robert Jauss. Sobre o assunto, ver: *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v. 36), capítulos VIII e IX. Tal concepção é assumida por W. Iser, cf. já se mencionou acima.

[16] A atividade re-criativa que o texto literário propicia é uma condição necessária e fundamentalmente importante para o favorecimento da atualização da obra.

[17] J. Dewey fala que existe um “processo organizador” durante a leitura de um texto, processo este semelhante ao que se dá com o autor durante o ato de criação. Esse processo totalizante é repensado por Iser, que compreende o texto literário enquanto um “processo” global, ou seja, que considera todas as etapas de criação, recepção e efeito. Iser explica que: “O texto não pode

ser fixado nem à reação do autor ao mundo, nem aos atos da seleção e da combinação, nem aos processos de formação de sentido que acontecem na elaboração e nem mesmo à experiência estética que se origina de seu caráter de acontecimento; ao contrário, o texto é o processo integral, que abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor” (Iser, *op. cit.*, p. 13).

[18] O grau de atualização do texto está diretamente ligado ao grau de sua “abertura”, ou seja, depende diretamente da estrutura da obra: dos vazios, dos brancos, etc. Reporta-se mais uma vez a uma possível identificação entre Iser e Eco. Iser fala do crescimento dos “pontos de indeterminação” na literatura (ver: ISER, Wolfgang. *A Indeterminação e a Resposta do Leitor na Prosa de Ficção*. Tradução de Maria Angela Aguiar. Porto Alegre: PUCRS, 1999 (Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, Séries Traduções).

[19] É bom lembrar que tal risco é reduzido porque está ao nível do texto e, portanto, não se caracteriza como uma ação concreta. Um outro membro da Escola de Constança, Karlheinz Stierle, desenvolveu na década de 1970 a teoria do texto como ação (*Text als Handlung*).

[20] O vocábulo “*fictiva*” foi traduzido por “fictícia” com base no latim (*fictio* = ação e efeito de fingir, fingimento, invenção, ficção).

[21] Sobre o “horizonte de expectativa”, cf. também Jauss, In: *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v. 36) p. 31-40.

[22] Para o aprofundamento a respeito da seletividade do repertório de textos que confirmam ou negam os sistemas epocais dominantes e o seu efeito sobre o leitor, ver Iser, *op. cit.*, p. 128-157. Esta concepção é confirmada inclusive para os textos de inexpressivo valor literário, cf. explica: “a história mostra situações em que a produção de textos ficcionais visa a preservar os sistemas dominantes. Não obstante, a literatura, quando visa a estabilizar sistemas, não precisa ter o caráter da literatura de consumo, que percebemos sempre ali onde a literatura reproduz certas normas de um código sócio-cultural com fim de sua reprodução” (p. 144).

[23] O autor e o leitor que se encontram no nível 1, situam-se fora do texto. Melhor dizendo, são pessoas empíricas que criam ou recriam as obras e fazem parte do mundo real, ou seja, encontram-se ao nível da realidade. Os níveis 2, 3 e 4, no entanto, estão situados dentro do texto e obedecem a uma gradação, conforme a instância de comunicação capazes de praticar. No nível 2 estão o autor implícito (aquele que apresenta a obra ao leitor implícito) e o leitor implícito (teoricamente presente para viabilizar a comunicação suscitada pela obra). No nível 3 aparecem o autor fictício (o narrador, explicitamente presente no texto) e o leitor fictício

(hipoteticamente presente, numa situação onde o autor fictício a ele se reporta, chamando-o, por exemplo, de “caro leitor...”). O nível 4 diz respeito a tudo que se relaciona aos fatos, aos acontecimentos narrados, enfim, às situações de interação dentro da obra literária.

[24] As possibilidades de pesquisa sugeridas aqui são distintas, dissociando a Estética da Recepção (Jauss) da Estética do Efeito (Iser).

[25] A tradução em português, feita pela Editora 34, divide o primeiro capítulo em partes A e B. O item B — “Preliminares para uma teoria da estética do efeito” subdivide-se em 1, 2 e 3. O que aqui é referido diz respeito aos itens 1 e 2, respectivamente intitulados “As perspectivas fundadas na leitura e as objeções tradicionais” e “Concepções de leitor e a concepção de leitor implícito”. Há, pois, uma similaridade percebida pela tradução, bem como a omissão, certamente proposital, do subitem 3.

[26] Na tradução acima referenciada, esta passagem encontra-se à página 49 (ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. Coleção Teoria): “Um desses fatores é, sem dúvida, o leitor, ou seja, o verdadeiro receptor de textos. Enquanto se falava da intenção do autor, da significação contemporânea, psicanalítica, histórica etc. dos textos ou de sua construção formal, os críticos raramente se lembraram de que tudo isso só teria sentido se os textos fossem lidos”. Excerto também citado na introdução deste trabalho.

[27] Ver páginas 63 a 73 da tradução em português.

[28] Rall mais uma vez considera a possível comparação entre o “leitor implícito” e o “leitor modelo”, acrescentando em seguida que o interesse por um estudo mais apurado desses pontos comparativos foi verbalmente manifestado por Umberto Eco, encontrando-se, portanto, em aberto para pesquisa.

REFERÊNCIAS

DICCIONARIO ESENCIAL SANTILLANA DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Prólogo de Gregorio Salvador de la Real Academia Española. 1. ed. España: Santillana, 1991.

DICIONÁRIO LAROUSSE *Ática Básico: Espanhol-Português/Português-Espanhol*. São Paulo: Ática, 2002.

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. Coleção Debates.

GARCIA, Ramón y GROSS, Pelayo. *Pequeño Larousse Ilustrado*. Larousse, 1995.

ISER, Wolfgang. *A Indeterminação e a Resposta do Leitor na Prosa de Ficção*. Tradução de Maria Angela Aguiar. Porto Alegre: PUCRS, 1999 (Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, Séries Traduções).

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura. Uma Teoria do Efeito Estético*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. v. 1.

JAUSS, Hans R. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v. 36).

PRESSLER, Gunter K. *Benjamin (Baudelaire): a Tarefa do Tradutor: Zilly (Euclides da Cunha)*. Apresentação no II Congresso CIATI. São Paulo: Faculdades Ibero-Americanas, 2001 (inédito).

RALL, Dietrich; RALL, Marlene. *Paralelas. Estudos Literários, Lingüísticos e Interculturales*. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1999.

STIERLE, Karlheinz. *Text als Handlung*. München: W. Fink, 1975.

ZILLY, Berthold. O Tradutor Implícito. Considerações acerca da translíngua de *Os Sertões*. *Revista USP*, São Paulo, n. 45, p. 85-105, mar./maio 2000.